



E assim nas calbas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração.
Fernando Pessoa

OS HERDEIROS DO LOBO

Vô João é um imigrante italiano, naturalizado brasileiro, que gosta de contar histórias de sua vida para os netos. Na pacata juventude que levou na Itália, por exemplo, foi vizinho de Pinóquio e Gepeto e acompanhou a prova dos sapatinhos de cristal em Cinderela. Mas sua aventura predileta é a viagem ao Brasil atrás de Cosme Zanone, um amigo fotógrafo desaparecido nas matas tropicais. A única pista eram fotos com reproduções das telas de um tal de Camilo Amarante Lobo. Num clima de suspense que mistura cenários dos contos de fadas a fatos da história do Brasil, o autor leva vô João a um vilarejo encravado na paisagem mineira. Ali ele se vê às voltas com a família do pintor, um ser enigmático, apartado da sociedade por uma estranha injustiça.

Nelson Cruz nasceu em Belo Horizonte e mora em Santa Luzia, Minas Gerais. Escritor, ilustrador e artista plástico, recebeu prêmios nacionais e estrangeiros, como o de melhor ilustração *Hors-Concours* da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), em 2003, para *Conto de escola*, de Machado de Assis. Também ilustrou *O aprendiz de feiticeiro*, de J.W. Goethe, e *O menino poeta*, de Henriqueta Lisboa. É autor dos livros de imagem *A árvore do Brasil*, *Mestre Lisboa* e *No longe dos Gerais*, este último 3º lugar na categoria juvenil do prêmio Jabuti em 2005. Em 2002, foi indicado ao Hans Christian Andersen de ilustração.

sm



sm Comboio de corda

OS HERDEIROS DO LOBO

NELSON CRUZ



OS HERDEIROS DO LOBO

Nelson Cruz



sm

Os
HERDEIROS DO
LOBO

*Para Esthergilda Menicucci,
que me ensinou o perfume das cores.*

Os HERDEIROS DO LOBO

Nelson Cruz

ilustrações do autor



MEU VÔ JOÃO 7

À PROCURA DE
COSME ZANONE 11



A TERCEIRA NEBLINA 20

CAMILO AMARANTE LOBO 36





MEU VÔ JOÃO

Eu tive três avôs.

O avô paterno, Eugênio, não conheci. Soube que trabalhava durante o dia na Usina de Açúcar Santa Helena e à noite dava aulas de alfabetização para plantadores de cana em Ponte Nova, Minas Gerais.

Meu avô materno chamava-se Joaquim e gostava que o chamassem carinhosamente de vô Quim. Também não o conheci. E, não se sabe bem por quê, quando vô Quim se casou pela segunda vez, minha mãe, Sinhá, que nasceu em Ponte Nova, menina ainda foi adotada por um imigrante italiano, Giovanni Ferdinando.

Carpinteiro, ele fabricava caixões, móveis pesados, telhados. Também cortava cana nas fazendas da região na época da colheita. Era uma pessoa pacata. E, por causa desses trabalhos, era conhecido e circulava pela cidade folgadoamente. Mas em 1942, quando nosso governo declarou guerra aos países do Eixo — Japão, Alemanha e Itália — e os brasileiros passaram a ver com desconfiança a presença dos imigrantes, Giovanni, que dizia sempre amar o Brasil, decidiu naturalizar-se com o nome de João Fernandes. Foi aí que virou vô João.

Frequentemente vô João sentava-se na escada de casa para limpar suas ferramentas. Nessas horas, os netos costumavam reunir-se ao redor dele para ouvir as histórias que gostava de contar, que eram muitas.

Ele vivia dizendo, saudoso, que tinha nascido no país das histórias e aprendido a profissão de carpinteiro com um velhinho que morava numa casinha bucólica no final da rua onde ele, Giovanni, nasceu e viveu até vir para o Brasil. Era um lugarejo